

35ª questão

Nesta questão queremos sugerir que você siga os seguintes passos:

1. Ouça a canção. Você pode encontrá-la em:

link 1 ou link 2 ou link 3

2. Leia a letra da canção.

3. Depois dos passos 1 e 2 leia as alternativas.

Documento

A matadeira

A matadeira vem chegando / No alto da favela / No balanço da justiça / Do seu criador (...)

Alternativas

A. "Matadeira" era o apelido do canhão Withworth, utilizado durante o conflito de Canudos (1896-1897).

B. O trecho "teatro do céu" pode ser associado ao caráter religioso do conflito, que teve como principal líder o pregador popular Antônio Conselheiro.

C. Apesar de remeter ao conflito de Canudos (1896-1897), a letra da canção oferece outra possibilidade de leitura, relacionada aos dias atuais.

D. A Revolta de Canudos, ao longo do século XX teve pouca repercussão na historiografia, ficando restrita ao meio musical e literário.

Conteúdos relacionados

Documento A matadeira

Documento A matadeira
(documentário)

Link "Canção "A matadeira""

Endereço:

<https://www.youtube.com/watch?v=wF0xTjuHRXM>

Link "Canção "A matadeira" (link alternativo 1)"

Endereço:

<https://www.youtube.com/watch?v=41-8yNXqNM>

Link "Canção "A matadeira" (link alternativo 2)"

Endereço:

<http://mtv.uol.com.br/videos/clipes/cordel-do-fogo-encantado/a-matadeira>

36ª questão

Documento

A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina

"(...) o açoriano não fracassou. Muito ao contrário, constituiu-se e definiu-se como elemento de elevada significação na estrutura social catarinense. (...)"

O texto afirma que:

Alternativas

- A. A vinda de imigrantes açorianos para o sul do Brasil atendeu a uma política oficial de ocupação do território, implementada pela coroa portuguesa.
- B. A importância da imigração açoriana explica a inexistência de populações de origem africana na Ilha de Santa Catarina.
- C. O trabalho rural foi o único meio de sobrevivência possível encontrado pelos imigrantes açorianos, o que explica a falta de outras atividades econômicas na Ilha de Santa Catarina.
- D. A partir do século XIX, houve outra dinâmica econômica em Desterro (atual Florianópolis), com a oferta de serviços especializados e obras públicas sendo realizadas pela administração local.

Conteúdos relacionados

Documento A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina

Link "Fernanda Zimmermann. Relações de Trabalho na Armação da Lagoinha: da caça a baleia ao beneficiamento do azeite. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: 2007."

Endereço: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0610.pdf>

Link "Vitor Hugo Bastos Cardoso. O comércio de escravos para a capitania de Santa Catarina (1815-1826): Notas preliminares. Revista Santa Catarina em História. Florianópolis: UFSC, Brasil, v.1, n. 1, 2010."

Endereço: <http://www.santa-catarina.co/historia/escravos.pdf>

37ª questão

No ano de 1889, o pintor gaúcho Pedro Weingärtner (1853-1929) realizou o quadro denominado *Tempora Mutantur*. Analise o primeiro documento (imagem do quadro) e o segundo documento (uma carta que o pintor enviou a um amigo a respeito deste mesmo quadro) e escolha uma alternativa:

Documento

Tempora Mutantur, Pedro Weingärtner, 1889



Documento

Carta de Pedro Weingärtner

"Este quadro fez expressamente para nós, porque aqui na Europa não se compreende facilmente o assunto;(...)"

Conteúdos relacionados

Documento *Tempora Mutantur*, Pedro Weingärtner, 1889

Documento Carta de Pedro Weingärtner

Alternativas

- A. A mulher que observa os recém adquiridos calos nas mãos registra a participação feminina nos serviços braçais de desmatamento e lavoura presentes na imigração para o sul do Brasil ao longo do século XIX.
- B. O caráter nobre dos personagens que o pintor menciona na carta está expresso no quadro pela postura da mulher, ainda pouco habituada à lida, e pela calça com listras, antigo uniforme do exército, vestida pelo homem.
- C. A imigração alemã para o Rio Grande do Sul diferiu da do restante do Brasil, visto os imigrantes ali, por sua origem nobre, não terem constituído um campesinato rural.
- D. Weingärtner estudou na Europa e esse quadro foi uma forma de ele relatar aos europeus cenas brasileiras que de outro modo eles jamais veriam.

38ª questão

O texto a seguir é um trecho de um conto do escritor Luís Antônio Matias Soares, que romanceou uma notícia de um episódio ocorrido em 02/05/2003, na periferia de Salvador, em que o tratorista Hamilton dos Santos se recusou a demolir as casas de duas famílias – num processo de reintegração de posse – construídas em um terreno que, judicialmente, era de propriedade privada.

Documento

Hamilton dos Santos, brasileiro, casado, 53 anos, pai de família: profissão Cidadão

Com a chegada do operador Hamilton dos Santos e da retroescavadeira ao local, os oficiais de justiça se puseram finalmente a ler para todos os presentes – e em especial para aquelas duas famílias desalojadas (...)

Conteúdos relacionados

Documento Hamilton dos Santos, brasileiro, casado, 53 anos, pai de família: profissão Cidadão

Alternativas

A. Soares, ao romancear uma notícia de jornal, expõe a história do episódio ocorrido na periferia de Salvador em 2003 dividindo os personagens em heróis e vilões.

B. A atitude de Hamilton dos Santos foi uma afronta a um poder de Estado e pode ser interpretada como desobediência civil.

C. Relembrando o cortiço “Cabeça de Porco”, pode-se afirmar que existe uma marca de violência na forma de tratar os problemas de terra urbana no Brasil.

D. O texto nos indica que Hamilton dos Santos se nega a demolir a casa de D. Telma Sueli por medo de retaliação por parte de outros moradores do bairro.

39ª questão

Documento
Missão Salesiana



Conteúdos relacionados

Documento Missão Salesiana

Alternativas

- A. O contexto republicano, que pode ser identificado na bandeira ao fundo, propõe um diálogo entre política e cultura na expansão civilizacional sobre os povos do Mato Grosso, transformando os antigos discursos de ocupação territorial da região em dever do Estado.
- B. Os esforços pela educação e pela catequização de indígenas foram proibidos pela Constituição elaborada em 1934, durante o governo do presidente Getúlio Vargas.
- C. A foto registra um esforço de educação salesiana sobre os indígenas bororo na região do Mato Grosso que contribui para a transformação da cultura e de comportamentos próprios dessa etnia.
- D. As faces borradas de algumas meninas bororo sugerem o uso de uma técnica fotográfica que exigia a imobilidade do fotografado por bastante tempo para garantir a qualidade da imagem.

40ª questão

Documento

A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana

“Quando cerca de 400 operários e operárias da seção têxtil do Cottonificio Crespi entraram em greve depois que a diretoria da fábrica tinha se recusado a conceder um aumento entre 15% e 20% do salário e (...)”

A partir do texto lido e sobre a Greve de 1917 em São Paulo pode-se afirmar que:

Conteúdos relacionados

Documento A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana

Alternativas

A. As repressões enfrentadas no Brasil foram significativamente mais brandas do que as ocorridas após greves em países europeus.

B. Começou como um fato localizado em uma fábrica, mas com o passar do tempo ganhou amplas proporções e envolveu vastas parcelas do operariado urbano.

C. Inaugurou um período de organização política que agregou os operários em São Paulo, com destaque para os de origem estrangeira.

D. Está inserida em uma rede ampla de acontecimentos mundiais que alçaram os operários urbanos ao papel de protagonistas de transformações históricas.

41ª questão

Documento

Divisão Política - Administrativa do Brasil, 1943



Observe o mapa da divisão político-administrativa do Brasil no ano de 1943, e selecione uma alternativa:

Alternativas

- A. Transformações possíveis na divisão interna do Brasil, por questões políticas ou estratégicas, ocorrem também na atualidade como na campanha para a criação dos territórios de Carajás e Tapajós no Pará.
- B. A Constituição Federal de 1988, ao estabelecer que Estados e Territórios são sinônimos, levou à fusão de Ponta Porã e Iguazu com a consequente criação do estado do Mato Grosso do Sul.
- C. O mapa apresentado difere do mapa político-administrativo atual do Brasil, apresentando territórios hoje inexistentes como Guaporé, Ponta-Porã, Iguazu e Rio Branco.
- D. Naquele momento a ideologia do regime de Vargas de proteção às fronteiras e ocupação dos vazios motivou a criação de territórios de fronteira como, por exemplo, o arquipélago de Fernando de Noronha.

Conteúdos relacionados

Documento Divisão Política - Administrativa do Brasil, 1943

Link "Cassius Guimarães, Brasil redesenhado: projetos de criação de novos estados e territórios. Ciência e Cultura, vol64, n° 1, São Paulo, jan. 2012."

Endereço:
http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252012000100003&script=sci_arttext

42ª questão

Na questão 4 de nossa prova, você analisou algumas resoluções da Lei de 28 de setembro de 1871. Leia outros artigos dessa lei e um trecho do livro *Visões da Liberdade*, do historiador Sidney Chalhoub.

Documento

LEI Nº 2.040, DE 28 DE SETEMBRO DE 1871 (Trecho II)

(...) Art. 4º É permitido ao escravo a formação de um pecúlio com o que lhe provier de doações, legados e heranças, (...)

Documento

Visões da liberdade

'(...) O texto final da lei de 28 de setembro foi o reconhecimento legal de uma série de direitos que os escravos haviam adquirido pelo costume e a aceitação de alguns objetivos da luta dos negros (...)'

A partir dos trechos da lei de 28 de setembro de 1871 e das considerações de Sidney Chalhoub podemos dizer que:

Alternativas

A. O direito à acumulação de pecúlio e à compra da alforria na justiça deram aos escravos o direito de deixar o cativeiro apesar de seus senhores, o que alterou as bases da relação de domínio e dependência entre ambos.

B. A revogação do Título 63 do Livro 4 das Ordenações Filipinas colocava fim em uma das formas de controle dos senhores não apenas sobre os escravos, mas também sobre os libertos.

C. A questão servil apontada no texto pelo conselheiro Nabuco refere-se às diferenças legais entre escravos e servos no Brasil do século XIX.

D. A Lei de 28 de setembro de 1871 trazia em seus 10 artigos o registro de direitos adquiridos pelos escravos: alguns há muito tempo vinham sendo efetivados nos costumes e outros eram fruto da luta dos próprios cativos.

Conteúdos relacionados

Documento LEI Nº 2.040, DE 28 DE SETEMBRO DE 1871 (Trecho II)

Documento *Visões da liberdade*

Link "Ordenações Filipinas"

Endereço:

<http://www1.ci.uc.pt/ihti/proj/filipinas/>

Link "Questão 15, 2ª ONHB"

Endereço: [https://skydrive.live.com/?](https://skydrive.live.com/?cid=0983cec4e1d9466f&id=983CEC4E1D9466F%21107&authkey=!AH16YOIDcXpmuxs)

[cid=0983cec4e1d9466f&id=983CEC4E1D9466F%21107&authkey=!AH16YOIDcXpmuxs](https://skydrive.live.com/?cid=0983cec4e1d9466f&id=983CEC4E1D9466F%21107&authkey=!AH16YOIDcXpmuxs)

Link "Questão 41, 2ª ONHB"

Endereço: [https://skydrive.live.com/?](https://skydrive.live.com/?cid=0983cec4e1d9466f&id=983CEC4E1D9466F%21107&authkey=!AH16YOIDcXpmuxs)

[cid=0983cec4e1d9466f&id=983CEC4E1D9466F%21107&authkey=!AH16YOIDcXpmuxs](https://skydrive.live.com/?cid=0983cec4e1d9466f&id=983CEC4E1D9466F%21107&authkey=!AH16YOIDcXpmuxs)

Link "Lei na íntegra"

Endereço:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM2040.htm

Link "Questão 4, desta Olimpíada"

Endereço: [17:43:08] lecapedro:

<http://www.olimpiadadehistoria.com.br/5-olimpiada/fases/index/25/67>

43ª questão

Documento

A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo

"A literatura espírita, produzida fartamente no Brasil, é um fenômeno de importância não apenas religiosa: faz parte da vida cultural e editorial brasileira (...)"

Sobre o Espiritismo no Brasil:

Alternativas

A. A construção da imagem simbólica de Chico Xavier esvazia a importância da religião espírita no Brasil, pois a centra em um único indivíduo.

B. A expansão e popularização do Espiritismo a partir da década de 1940 movimentou um mercado editorial de grande porte.

C. A FEB atuou politicamente no intuito de unificar os trabalhos dos centros espíritas kardecistas em torno de doutrinas comuns, delimitando fronteiras entre o kardecismo e as religiões de matriz africana.

D. O texto apresenta o "caso Humberto de Campos", que trouxe à tona um debate sobre as relações entre autoria e psicografia.

Conteúdos relacionados

Documento A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo

Link "O Reformador"

Endereço:

<http://www.sistemas.febnet.org.br/reformadoronline/pagina/?id=336>

Link "Emerson Giumbelli. "Nação Espírita". Revista de História da Biblioteca Nacional, 9/6/2008"

Endereço:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/nacao-espirita>

Link "Vivi Fernandes de Lima. "Antes e depois de Chico Xavier. Revista de História da Biblioteca Nacional. 27/04/2010. "

Endereço:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/gente-da-historia/antes-e-depois-de-chico-xavier>

44ª questão

Leia os dois textos e escolha uma das alternativas.

Documento

O diabo na livreria dos inconfidentes

"(...) Havia um obstáculo à (...) circulação [de livros]: a censura. Desde os inícios do século XVI até 1768, ela se encontrou sob os cuidados da Inquisição, do Ordinário e do Desembargo do Paço (...)"

Documento

Boatos sobre os inconfidentes mineiros (1789)

"Foi preso Luís Vieira, cônego da Cidade Mariana. Dizem que a sua culpa se limita a terem-lhe achado um livrinho francês (...)"

Conteúdos relacionados

Documento O diabo na livreria dos inconfidentes

Documento Boatos sobre os inconfidentes mineiros (1789)

Alternativas

A. A associação entre a figura do diabo e determinados livros, ao lado de ações promovidas pelos órgãos inquisitoriais, reflete o temor da disseminação de ideais iluministas e revolucionários no período.

B. A dimensão e variedade de algumas bibliotecas particulares do período mostra como o Brasil absorvia influências externas e abrigava intelectuais, como Luís Vieira da Silva – considerado um dos articuladores da Inconfidência Mineira.

C. A prisão do cônego Luís Vieira revela que, apesar da criação e operação de órgãos de censura instalados na metrópole e nas colônias, a circulação de livros proibidos era uma realidade.

D. O Index, lista de livros proibidos desde o Concílio de Trento, permaneceu inalterado sendo inclusive utilizado nas colônias pelos órgãos de censura.

45ª questão

Em dezembro de 1836, 20 negociantes de escravos pernambucanos se reuniram para criar uma empresa com capital inicial de 80 contos de réis. Esta empresa tinha como principal atividade a compra de escravos no reino do Benin e a venda destes em Pernambuco. Para tal operação designaram José Francisco de Azevedo Lisboa como administrador geral da empresa, com a obrigação de comprar os navios negreiros em seu nome e assim resguardar seus sócios da Justiça brasileira e da inglesa.

Documento

Azevedinho e seus problemas

"(...) As instruções de Azevedinho aos agentes da firma – mandados para o Rio Benin com a missão de montar uma 'feitoria' que serviria (...)"

A partir do artigo sobre Azevedinho, escolha uma das alternativas sobre o tráfico atlântico de escravos:

Conteúdos relacionados

Documento Azevedinho e seus problemas

Link "Questões 31 e 32 da 4ª ONHB"

Endereço: Questões 31 e 32 da 4ª ONHB

Link "A correspondência de Azevedinho, traduzida para o inglês pelas autoridades britânicas"

Endereço: <http://migre.me/bGoJg>

Alternativas

A. A ilegalidade da atividade justificava a necessidade de tecnologia e de estratégias de ocultamento da carga levada pela empresa de Azevedinho e seus sócios.

B. O comércio de africanos nos anos entre 1831 e 1850 foi uma atividade muito perigosa devido às leis de proibição do tráfico de escravos e pelo patrulhamento da marinha inglesa.

C. Conforme o exemplo do texto, as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos traficantes de escravos faziam deste negócio uma atividade de baixos lucros.

D. O sucesso do negócio de compra de escravos no continente africano dependia muito da observação das tradições, podendo não ser efetivado por questões de protocolo social.

46ª questão

INSTRUÇÕES

A realização de tarefas já se tornou tradicional em nossa Olimpíada. Os resultados tem sido sempre excelentes. Muita atenção para a leitura das instruções abaixo: elas são importantes para que as equipes completem com sucesso a Tarefa 4.

Tarefa:

Uma equipe participante da Olimpíada Nacional em História do Brasil está em viagem pelo Brasil, e fará uma escala em seu estado. São 3 jovens, acompanhados por um professor, todos apaixonados por história. Mas esta equipe tem apenas 5 horas para ficar em qualquer lugar de seu estado e, sendo assim, vocês devem recomendar a eles a visita a apenas um local. Eles só terão tempo para visitar, com calma, este local recomendado por vocês, antes de prosseguirem viagem.

Vocês deverão elaborar um “folder turístico”, ou seja, um folheto com informações sobre o seu estado e sobre o lugar em que vocês recomendam que a equipe faça a visita para conhecer melhor a história de seu estado (e conseqüentemente, conhecer melhor a história do Brasil).

Na etapa anterior, as equipes apontaram dois possíveis lugares que consideravam importantes em termos de história em seus estados. Estes lugares podem ser monumentos, locais naturais onde ocorreram fatos históricos importantes ou locais/artefatos construídos pelo homem. Vocês podem aproveitar e escolher um daqueles lugares anteriormente citados mas, se quiserem, podem escolher um lugar que não mencionaram na Tarefa anterior. Não é estritamente obrigatório usar o local indicado anteriormente. O objetivo da Tarefa anterior foi iniciar a reflexão preparatória para esta Tarefa da Fase 4.

Atenção: a equipe deve escolher um local que seja historicamente interessante e deve fornecer informações para que os visitantes aproveitem ao máximo o pouco tempo que tem. Para os dados relativos a seu estado, sugerimos a consulta ao site do IBGE, onde existem dados de recenseamento. Por que não ter também uma boa conversa com o professor de Geografia ou outros professores de seu colégio? Acima de tudo, a equipe deve fornecer dados acurados para a visita, tendo cuidado para que as informações estejam corretas e não estejam defasadas.

Lembre-se: a Tarefa desta fase 4 será corrigida na próxima fase, a Fase 5. Nesta fase, serão computados os pontos das questões e uma pontuação padrão para a entrega (ou não) da Tarefa. Se sua equipe não enviar a Tarefa, pode até ser aprovada para a 5ª Fase da ONHB, mas estará seriamente prejudicada na pontuação daquela Fase.

=====

Instruções para o preenchimento do Panfleto “Turismo Histórico”

1. Turismo Histórico (este título já vem pré-determinado por nós)
2. Conhecendo melhor ... [Complete com o nome do estado. Deve ser o estado da federação informado por sua equipe quando da inscrição na Olimpíada]. Nosso sistema carregará automaticamente em seu folder um recorte do mapa do Brasil com o estado da federação em destaque.

Parte 1

3. Sobre o Estado. Em forma de texto, forneça dados sobre o estado. Sugerimos: a) quantos habitantes; b) localização; c) extensão territorial; d) quais as principais atividades econômicas; e) qual a capital do estado; f) qual a composição étnica do estado g) por quais características sociais e culturais é conhecido este estado h) e outras informações que sua equipe julgar relevantes.

Parte 2

4. O local que recomendamos a visita é.... [nome e localização]
5. Imagem do local (Pode ser uma foto tirada pela equipe, da internet ou de outra fonte qualquer). Capriche na escolha!
6. Forneça as informações relevantes sobre o local recomendado para a visita. Mencione o que está sendo mostrado na imagem escolhida. Sugerimos que estas informações estejam distribuídas da seguinte forma:

Parágrafo 1: por que este local é importante em termos históricos? Desde quando existe? Como é conhecido dentro do estado?

Parágrafo 2: na hora da visita, no que recomendam que os “visitantes” prestem atenção? Que detalhes devem observar? O que não devem deixar de fazer?

Parte 3

7. E se um dia voltarem com mais tempo a nosso estado, não deixem também de.....(Com certeza seu estado tem muitos outros locais historicamente/culturalmente interessantes. Esta é a chance para falar deles, com outras sugestões de visita (1 parágrafo de texto).

Parte 4

8. “Os anfitriões”. Carregue uma foto de sua equipe [evite realizar montagens], lembrando-se sempre que na Olimpíada Nacional em História do Brasil, o professor orientador faz parte da equipe!

=====

Recomendações: Sobre os textos

- a. Vocês estão produzindo um panfleto turístico, descrevendo um dos muitos locais belos e historicamente interessantes que existem em seu estado. É preciso usar uma linguagem clara, correta, que seja informativa e ao mesmo tempo convidativa. O espaço é limitado, por isso atenção ao número de caracteres (o número de caracteres possíveis inclui os espaços entre

as palavras).

b. Procurem produzir um texto sem erros de ortografia, de concordância ou de estilo. Não se trata de uma prova de gramática ou de redação, mas seguramente a melhor forma de comunicar uma ideia é com boa escrita. Evitem expressões coloquiais e tenham atenção à pontuação. Seu panfleto será lido por muitos outros participantes da Olimpíada, então, caprichem!

c. Este trabalho deve ser original, ou seja, deve ser realizado pela equipe. Portanto, não copie textos prontos da internet ou de qualquer outra fonte. É evidente que as informações terão que ser consultadas em livros, jornais ou internet, mas consultar e reproduzir informações é diferente de fazer “cópia e cola”. A Comissão Organizadora da Olimpíada vai analisar com rigor cada caso que for apontado pelos participantes como tendo sido de pura e simples “cópia” de texto. Mais uma vez: copiar algumas informações, desde que seja dada a origem do texto (a fonte) é permitido; assim como fazer citações, desde que corretamente identificadas.

Recomendações sobre as imagens:

Duas imagens serão enviadas: uma ilustra o lugar escolhido e uma é a foto da equipe.

Características da foto: A foto deve ser digital. Os dados de resolução da imagem estão descritos no item “Imagens”. Se a equipe não tiver máquina fotográfica, pode emprestar de alguém ou fotografar usando um telefone celular.

A imagem deve ter tamanho máximo de 1 Mb e resolução máxima de 1500 pixels por 1500 pixels. Para reduzir a imagem na hora do envio, você pode utilizar um editor de imagens como o Picasa, o GIMP, o Paint.net, ou um serviço de diminuir fotos, como o Reduz Foto ou outro de sua preferência.

Atenção! Ao clicar em “Salvar texto”, a reportagem ficará salva em Modo Rascunho. A equipe ainda poderá fazer alterações antes do envio definitivo da Tarefa, que ocorre apenas quando a equipe clicar em ‘Concluir tarefa’.

O envio definitivo da Tarefa ocorre apenas quando a equipe clicar em “Concluir Tarefa”. Após clicar em “Concluir Tarefa” nenhuma alteração poderá ser feita. Por isso só clique em “Concluir Tarefa” após haver preenchido todas as reportagens.

Mãos à obra e bom TRABALHO!

Conhecendo melhor

Escolha uma das opções:

Acre \ Alagoas \ Amapá \ Amazonas \ Bahia \ Ceará \ Distrito Federal \ Espírito Santo \ Goiás \ Maranhão \ Mato Grosso \ Mato Grosso do Sul \ Minas Gerais \ Pará \ Paraíba \ Paraná \ Pernambuco \ Piauí \ Rio de Janeiro \ Rio Grande do Norte \ Rio Grande do Sul \ Rondônia \ Roraima \ Santa Catarina \ São Paulo \ Sergipe \ Tocantins

Parte 1

Sobre o estado Máx. 1000 caracteres

Escreva um texto com no máximo 1000 caracteres

Parte 2

O local em que recomendamos a visita é... Máx. 100 caracteres

Escreva um texto com no máximo 100 caracteres

Imagem do local Arquivos de imagem com no máximo 1 Mb e com até 1500 px de largura ou altura. Fotos horizontais ficam melhores. Nenhum arquivo selecionado

Informações relevantes Máx. 2000 caracteres

Escreva um texto com no máximo 2000 caracteres

Parte 3

Se um dia voltarem com mais tempo, não deixem de ... Máx. 900 caracteres

Escreva um texto com no máximo 900 caracteres

Parte 4

Os anfitriões Uma foto de sua equipe. Arquivos de imagem com no máximo 1 Mb e com até 1500 px de largura ou altura. Fotos horizontais ficam melhores.

Nenhum arquivo selecionado

A matadeira
Letra de música
A Matadeira (ou No Balanço da Justiça)
Cordel do fogo Encantado
Compositor: Lirinha
Álbum: O palhaço do circo sem futuro, 2003

Vê
A matadeira vem chegando
No alto da favela
No balanço da justiça
Do seu criador
Salitre, pólvora,
Enxofre, chumbo
O banquete da terra
Teatro do céu
O banquete da terra
Teatro do céu
Diz aí quem vem lá,
O velho soldado
O que traz no seu peito?
A vida e a morte
E o que traz na cabeça?
A matadeira
E o que veio falar?
Fogo

Sobre este documento

Título
A matadeira
Tipo de documento
Letra de música
Palavras-chave
Messianismo Canudos História da Música
Origem
<http://multishow.globo.com/musica/cordel-do-fogo-encantado/a-matadeira-ou-no-balanco-da-justica/>
Créditos
Cordel do fogo Encantado
Compositor: Lirinha
Conteúdos relacionados
Canção "A matadeira"
Canção "A matadeira" (link alternativo 1)
Canção "A matadeira" (link alternativo 2)
A matadeira (documentário) Documentário

A matadeira (documentário)

Documentário

Link para o documentário 'A matadeira'.

Ficha técnica do filme

MÚSICA ("Quem ouvir e não aprender", Leo Henkin)

Direção Jorge Furtado

Produção Executiva Nora Goulart

Roteiro Jorge Furtado

Direção de Fotografia Alex Sernambi

Direção de Arte Fiapo Barth e Gaspar Martins

Música Leo Henkin

Direção de Produção Sandro Dreyer

Montagem Giba Assis Brasil

Assistente de Direção Dainara Toffoli

Uma Produção da Casa de Cinema PoA

Elenco Principal

Pedro Cardoso (Professor, Prudente de Moraes,
/ Sertanejo, Antônio Conselheiro, Pastor)

Carlos Cunha Filho (Locução masculina)

Lisa Becker (Locução feminina)

Prêmios – 22º Festival de Gramado, Cinema Latino, 1994:

Prêmio Especial à Direção de Arte, Melhor Direção de Curta Gaúcho, Melhor Fotografia de Curta Gaúcho. – 11º Rio-Cine Festival, Rio de Janeiro, 1994:

Melhor Ator (Pedro Cardoso), Prêmio Contribuição à Linguagem Cinematográfica.

Sobre este documento

Título

A matadeira (documentário)

Tipo de documento

Documentário

Palavras-chave

Messianismo História da Música Canudos

Origem

<http://www.youtube.com/watch?v=sYNchdMkfe4>

Conteúdos relacionados

A matadeira Letra de música

A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina

Documentos da 4ª Fase

Texto acadêmico

“(...) o açoriano não fracassou. Muito ao contrário, constituiu-se e definiu-se como elemento de elevada significação na estrutura social catarinense. (...) Em 1739, chega a Santa Catarina o Brigadeiro José da Silva Paes, homem de larga visão e de iniciativas audaciosas que logo compreende a necessidade da conservação e do aparelhamento da Ilha de Santa Catarina e da terra firme do seu contorno, até o Rio Grande, para base imediata da conquista sulina. (...)”

Haviam, ao tempo, representado os habitantes das Ilhas dos Açores a El Rei, pedindo que tirasse delas os casais que quisesse enviar para o Brasil. (...) Não era outro o desejo dos açoritais senão o de fugir à miséria das suas ilhas superlotadas – e por isso atendeu-os El Rei, mandando que se transportasse para o Brasil quantos o desejassem, afixando-se nas Ilhas editais para a inscrição dos que pretendessem delas emigrar, concedendo-lhes facilidades: – transporte, ajuda de custo variável, conforme a condição civil e o sexo, terras cultiváveis, ferramentas usuais, sementes, “duas vacas e uma égoa” e farinha por todo o primeiro ano, isenção de tributos e, aos homens, do serviço das armas. (...)”

Em 1748, recebia Silva Paes os primeiros imigrantes, aprovando posteriormente o Conselho Ultramarino as despesas que os mesmos deram aos cofres reais, de medicamentos e provisões (...) e aqueles porque dispôs o Rei que se curassem até o terceiro ano de sua estadia, por sua conta, visto serem pobres. Ao primeiro transporte seguiram outros três, em 1749, 1750 e 1752, num total de 4.024 pessoas- tendo parte destas buscado igualmente o Rio Grande, em número que não logramos apurar. Foi esta a onda migratória que recebia Santa Catarina para núcleo básico de seu povoamento, gente pobre, que saía da indigência das suas ilhas para a exuberância das terras litorâneas do Brasil, favorecida por algumas migalhas da munificência real. A essa gente se mandou distribuir terras, para que lavrasse e delas obtivesse o sustento e a economia. E foi esse o erro... (...)”

Não teve, assim, a terra catarinense, o elemento principal do trabalho rural. Os colonos eram pobres, indigentes, mesmo, aos quais foi preciso alimentar e curar e cujos bens não excediam, certamente, àqueles que o Governo lhes doou, quando emigraram de suas Ilhas. Não poderiam comprar os braços negros para rasgar as terras virgens. (...)”

Pequeno foi o número (...) dos que se ligaram à terra. (...) São os remanescentes destes, que ainda subsistem, isolados, em pequenas povoações, à beira das praias, ligados à pobreza. (...) Porque o elemento vitorioso, que conseguiu reerguer-se, foi justamente o que se libertou da terra, o que se desligou da agricultura e foi cuidar doutra vida.

Ressurgimento

No comércio marítimo, na exportação dos produtos da terra e na exploração da própria classe que ficara recuada, fazem-se as primeiras economias, surgem os primeiros remediados, os primeiros abastados, os primeiros capitalistas que assobradam Desterro para morar com conforto, que mandam buscar mobílias na Corte (...). Surgem as olarias; melhora o comércio; o abastecimento d'água, a limpeza pública, a desobstrução dos córregos, a iluminação tornam-se problemas urbanos aos quais é mister fazer face. (...) Assim melhorados (...) chegam às vésperas da Independência. (...)”

[Informam-nos] os viajantes estrangeiros há por esse tempo manufaturas de linho e algodão, fábricas de licores e cerâmica. A pesca da baleia (...) era também vantajoso ramo da indústria. Abundam os artífices: alfaiates, sapateiros, ferreiros, marceneiros. As mulheres (...) fazem renda. (...) Eram certamente sinais animadores de uma ressurreição. (...) Diverso foi o destino do açoriano liberto da terra. (...)”

O açoriano, pela sua descendência, venceu o meio. Venceu-o, elevou-o e amou. E, sinal de sua capacidade, impôs-lhe as tendências lusitanas do seu sangue e da sua alma – as mesmas que perduraram como marco de sua vitória”.

Glossário

Munificência: generosidade, liberalidade, magnanimidade

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Lisboa [Portugal]: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925, Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>

Sobre este documento

Título

A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina

Tipo de documento

Texto acadêmico

Palavras-chave

século XVIII Açorianos Santa Catarina Imigração

Origem

Oswaldo Rodrigues Cabral. A vitória da colonização açoriana em Santa Catarina. In: Cultura Política: revista mensal de estudos brasileiros, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, setembro de 1941. p. 23-34.

Créditos

Oswaldo Rodrigues Cabral.

Conteúdos relacionados

Fernanda Zimmermann. Relações de Trabalho na Armação da Lagoinha: da caça a baleia ao beneficiamento do azeite. XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo: 2007.

Vitor Hugo Bastos Cardoso. O comércio de escravos para a capitania de Santa Catarina (1815-1826): Notas preliminares. Revista Santa Catarina em História. Florianópolis: UFSC, Brasil, v.1, n. 1, 2010.

Tempora Mutantur, Pedro Weingärtner, 1889
Pintura

Documentos da 4ª Fase
Imagem no tamanho original



Sobre este documento

Título

Tempora Mutantur, Pedro Weingärtner, 1889

Tipo de documento

Pintura

Palavras-chave

Século XIX Imigração Rio Grande do Sul

Origem

Pedro Weingärtner, Tempora mutantur, 1889. Óleo sobre tela, 160,4 × 93,4 cm. Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Brasil. Disponível em:
<http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/bc/01292--Pedro-Weing%C3%A4rtner-.jpg>

Créditos

Pedro Weingärtner

Conteúdos relacionados

Carta de Pedro Weingärtner Trecho de carta

Carta de Pedro Weingärtner

Documentos da 4ª Fase

Trecho de carta

“Este quadro fiz expressamente para nós, porque aqui na Europa não se compreende facilmente o assunto; inspirei-me, para fazê-lo, em certo tipo que encontrei em nosso caro Brasil, homens que aqui na Europa faziam figura, de famílias nobres, que por qualquer motivo abandonaram a pátria atrás da fortuna na América e caíram no caminho e lá se foram água abaixo e ficaram reduzidos ao que vi. [...] Eu quis fazer um tipo [...], que, não encontrando ocupação, foi obrigado a retirar-se para uma colônia, e esta é a cena que reproduzi no quadro, o primeiro dia de trabalho, a pobre mulher vendo as mãos que foram belas e alvas, hoje queimadas pelo sol e calejadas pelo primeiro labor”

Sobre este documento

Título

Carta de Pedro Weingärtner

Tipo de documento

Trecho de carta

Palavras-chave

Imigração Rio Grande do Sul Século XIX

Origem

Citado em Angelo Guido. Pedro Weingärtner. Porto Alegre: Secretaria de Educação e Cultura, Divisão de Cultura e Diretoria de Artes, 1956. p. 92-93.

Conteúdos relacionados

Tempora Mutantur, Pedro Weingärtner, 1889 Pintura

Hamilton dos Santos, brasileiro, casado, 53 anos, pai de família: profissão Cidadão

Documentos da 4ª Fase

Texto literário

(...)

VIII

Com a chegada do operador Hamilton dos Santos e da retroescavadeira ao local, os oficiais de justiça se puseram finalmente a ler para todos os presentes – e em especial para aquelas duas famílias desalojadas – a ordem judicial que mantinham em suas mãos.

Foi então que – após oito ou nove horas de muita luta, tensão, discussão, bate-bocas e corre-corres dos oficiais de justiça e telefonemas dos advogados de ambas as partes na tentativa de reverter ou de fazer cumprir de uma vez por todas a ordem judicial – os oficiais de justiça se dirigiram ao tratorista Hamilton e solicitaram a ele que subisse na retroescavadeira e desse início ao trabalho a que fora contratado.

(...) Hamilton dos Santos levou mecanicamente uma das mãos até a ignição da máquina. Iria iniciar a demolição pela casa de número 123.

Suas mãos, no entanto, tremiam bastante e não se apresentaram o suficientemente firmes para dar a partida no veículo. Elas pareciam ter criado vida própria e se recusavam a prosseguir no seu intento.

Todo o corpo do senhor Hamilton tremia e a cada momento ele empalidecia mais e mais. Sob os olhares determinados dos dois oficiais de Justiça e a pressão exercida pela presença dos soldados da Polícia Militar, o tratorista Hamilton dos Santos não conseguiu engatar a primeira marcha e nem colocar o veículo em movimento.

(...)

IX

(...)

Aconteceu então o que ninguém esperava. Aquele homem simples, aquele tratorista pobre que viera de longe para efetivar o serviço determinado pela Justiça, começara a chorar.

Empaldecido, trêmulo e transtornado, o operador de máquinas apenas silencia e chora. Procura secar as lágrimas no pano surrado da sua camiseta de trabalhador brasileiro. Em certos momentos mexia nervosamente no boné azul que protegia a sua cabeça abatida.

– Eu não posso fazer isso – tentou se explicar novamente – não é direito. Isso não é direito!

Em seguida desligou o veículo e desceu vagarosamente.

– Não posso fazer isso – repetira uma terceira vez assim que firmara os pés no solo firme – sou um pai de família, tenho nove filhos. Isso poderia estar acontecendo comigo e eu não acho certo. Não é direito! Não é direito e não é certo! Eu cumpro a lei, mas não consigo fazer esse trabalho! Está além das minhas forças e das minhas possibilidades. Não posso derrubar a casa de um pai de família e de um trabalhador como eu.

Nesse momento, entretanto, o tratorista se viu diretamente ameaçado por um dos oficiais de justiça:

– Se o senhor não demolir a casa, vou mandar lhe prender – afirmara o oficial Carlos Cerqueira.

X

(...)

O Major Castro se dirigiu ao tratorista e, com uma das mãos apoiando o seu ombro esquerdo, disse a ele:

– Você está agora cumprindo uma determinação judicial. Se o senhor se recusar a cumprir e se o oficial de Justiça lhe der voz de prisão, eu vou ter que acatar. Eu sinto muito, seu Hamilton! Endureça o seu coração e cumpra a ordem judicial! O senhor vai ajudar a gente e vai ajudar ao senhor mesmo e a sua família!

Diante daquelas palavras o tratorista conseguira apenas abanar tristemente a cabeça de um lado para o outro. O oficial de justiça então se aproximou do operador de máquinas e anunciou para ele e para quem mais quisesse ouvir:

– Este homem se nega a executar o serviço. Em consequência, está obstruindo a ação da Justiça e, em face disso, determino que seja imediatamente preso em flagrante delito!

XI

Ameaçado de prisão, seu Hamilton subiu uma segunda vez na carroceria da retroescavadeira. Suas pernas estavam bambas e por um momento ele teve receio de cair dali e se machucar.

Hamilton tenta novamente ligar a máquina, mas não consegue. Volta a chorar e a secar as lágrimas em sua roupa de trabalhador.

Passando mal, o tratorista torna a descer da retroescavadeira. Para isso, entretanto, acabou necessitando da ajuda de alguns policiais.

– Tenho pressão alta e problemas no coração, disse ele com a voz baixa e entristecida.

E se calou (...)

(...) Decerto que ele sabia perfeitamente o custo de cada um dos tijolos e dos sacos de cimento utilizados na construção daquelas casas. Ele conhecia também o valor do esforço e de cada gota de suor derramada sobre a argamassa naquelas obras. Era certo igualmente que não duvidava de que amanhã poderia ser ele o próprio despejado e sua casa a ser demolida por outro tratorista.

E por isso não o fez (...)

Naquele momento ele só não admitiria ser dele a mão que poria abaixo as casas daquelas duas famílias desesperadas. Se assim o fizesse – sabia ele perfeitamente disso – se assim o fizesse não conseguiria dormir em paz na noite seguinte e em nenhuma das outras noites que a sucederiam.

Sobre este documento

Título

Hamilton dos Santos, brasileiro, casado, 53 anos, pai de família: profissão Cidadão

Tipo de documento

Texto literário

Palavras-chave

Urbanização História das Cidades Século XXI Bahia Cortiços

Origem

Luis Antônio Matias Soares, 13/12/2010, extraído de textolivre.com.br

Créditos

Luis Antônio Matias Soares

Missão Salesiana
Fotografia

Documentos da 4ª Fase
Imagem no tamanho original



Missão Salesiana

Álbum de fotografias "Missão em Mato Grosso" de 1908

Oferecido ao Ministro Miguel Calmon, retratando as aldeias e as várias atividades desenvolvidas pelos índios durante a missão salesiana. Um grupo de meninas bororos que frequentam a escola.

Foto: Rômulo Fialdini/Livro MHN/Banco Safra

Sobre este documento

Título

Missão Salesiana

Tipo de documento

Fotografia

Palavras-chave

Século XX História da Educação Mato Grosso História da Fotografia História Indígena

Origem

Álbum de fotografias "Missão em Mato Grosso" de 1908

Foto: Rômulo Fialdini/Livro MHN/Banco Safra

<http://www.museuhistoriconacional.com.br/images/galeria22/mh-g22a022.htm>

Créditos

Rômulo Fialdini

A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana

Documentos da 4ª Fase

Texto acadêmico

“Quando cerca de 400 operários e operárias da seção têxtil do Cotonifício Crespi entraram em greve depois que a diretoria da fábrica tinha se recusado a conceder um aumento entre 15% e 20% do salário e a abolir a extensão da carga horária noturna, não pensavam, talvez, que estariam desencadeando o período de maior conflito da história do movimento operário em São Paulo até aquele momento.

(...)

Boa parte da historiografia do movimento operário brasileiro concordou sobre o fato de que a greve geral paulistana de 1917 representou um ponto de divisão entre um período de desorganização das associações sindicais e outro no qual tais associações amadureceram (...)

O debate (...) ficou sempre em torno da verificação do grau de espontaneidade da greve de 1917, tentando com isso compreender também que relações foram estabelecidas entre uma massa de grevistas que chegou a cerca de 50.000 pessoas (numa cidade que contava com 400.000 habitantes) e os militantes que depois participaram como lideranças do movimento e que posteriormente sofreram processos de expulsão e as mais variadas formas de repressão.

(...)

De forma geral, o ano de 1917 foi caracterizado mundialmente por toda uma série de protestos, motins e greves sem precedentes, cujo evento maior foi (...) a revolução russa (...). Todos estes movimentos, que desembocaram em revoltas urbanas, estavam diretamente ligados a uma conjuntura econômica causada pelo prolongamento da I Guerra Mundial. Inflação, perda do poder de compra, miséria acentuada pela escassez de abastecimentos, foram aspectos experimentados não somente pelas classes trabalhadoras que deram vida aos soviets de Petrogrado, nem (...) apenas pela população operária paulistana, mas caracterizaram o ano de 1917 em muitos países direta ou indiretamente envolvidos na guerra.

(...)

Talvez seja oportuna uma comparação com um movimento grevista que tem muitas semelhanças com o de São Paulo, e que aconteceu um mês depois, em agosto de 1917, na cidade italiana de Turim. Também nesta cidade (...) as greves e protestos de agosto de 1917 tiveram (...) grande mobilização das mulheres ou famílias operárias, greves por melhores condições de trabalho e aumento salarial, assaltos a moinhos e padarias, embate violento com a polícia e depois com o Exército.

As semelhanças entre as dinâmicas das revoltas de São Paulo, Turim e Petrogrado são muitas e fundamentais. Também em São Paulo, a greve iniciou-se num grande estabelecimento fabril e a resposta empresarial foi fechar a fábrica. Rapidamente, ocorreu a transformação desta greve localizada em greve geral; pedidos de aumento salarial e diminuição de horas foram associados a pedidos mais urgentes de controle dos preços e distribuição igualitária dos bens alimentares; e, finalmente, a greve progressivamente assumiu feições de revolta generalizada com a invasão das áreas centrais da cidade, num período de “confinamento” dos trabalhadores nos bairros operários.”

Sobre este documento

Título

A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana

Tipo de documento

Texto acadêmico

Palavras-chave

História do Trabalho Greve de 1917 São Paulo Movimento Operário Século XX Imigração

Origem

Luigi Biondi. “A greve geral de 1917 em São Paulo e a imigração italiana: novas perspectivas”. Cadernos AEL, v. 15. N.27, 2009, pgs. 263-270

Créditos

Luigi Biondi

Divisão Política - Administrativa do Brasil, 1943

Mapa

Mapa elaborado pela equipe da ONHB a partir de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Brasil_divisao_politico_administrativa_1943.PNG

Documentos da 4ª Fase

Imagem no tamanho original



Sobre este documento

Título

Divisão Político - Administrativa do Brasil, 1943

Tipo de documento

Mapa

Palavras-chave

Brasil Século XX Formação do Território Nacional

LEI Nº 2.040, DE 28 DE SETEMBRO DE 1871 (Trecho II)

Documento legal

(...)

Art. 4º É permitido ao escravo a formação de um pecúlio com o que lhe provier de doações, legados e heranças, e com o que, por consentimento do senhor, obtiver do seu trabalho e economias. O Governo providenciará nos regulamentos sobre a colocação e segurança do mesmo pecúlio.

(...)

§ 2º O escravo que, por meio de seu pecúlio, obtiver meios para indenização de seu valor, tem direito a alforria. Se a indenização não for fixada por acordo, o será por arbitramento. Nas vendas judiciais ou nos inventários o preço da alforria será o da avaliação.

§ 3º É, outrossim, permitido ao escravo, em favor da sua liberdade, contratar com terceiro a prestação de futuros serviços por tempo que não exceda de sete anos, mediante o consentimento do senhor e aprovação do Juiz de Orfãos.

(...)

§ 8º Se a divisão de bens entre herdeiros ou sócios não comportar a reunião de uma família, e nenhum deles preferir conservá-la sob o seu domínio, mediante reposição da quota parte dos outros interessados, será a mesma família vendida e o seu produto rateado.

§ 9º Fica derogada a Ord. liv. 4º, titl 63, na parte que revoga as alforrias por ingratidão.

(...)

Art. 7º Nas causas em favor da liberdade:

§ 1º O processo será sumário.

§ 2º Haverá apelações ex-offício quando as decisões forem contrárias à liberdade.

Art. 10. Ficam revogadas as disposições em contrário.

(...)

Pecúlio: a quantia ou soma de dinheiro que alguém adquiriu pelo seu trabalho e economia.

Arbitramento: decisão ou determinação, que o juiz profere seguindo os ditames da sua razão e consciência sobre pontos especiais omissos na lei.

Processo Sumário: aquele em que há só dois articulados, libelo [exposição por artigos e por escrito daquilo que o autor intenta provar contra o réu] e contrariedade [resposta do advogado do réu].

Ex-offício: por imposição da lei, por determinação superior ou judicial; em cumprimento e desempenho das suas obrigações.

Derrogada: abolir (a lei) não no todo, mas em parte das suas disposições.

AULETE, Caldas. Dicionario contemporaneo da lingua portuguesa. Lisboa [Portugal]: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925, Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>

Sobre este documento

Título

LEI Nº 2.040, DE 28 DE SETEMBRO DE 1871 (Trecho II)

Tipo de documento

Documento legal

Palavras-chave

Ventre livre História da Escravidão Brasil Século XIX História do Direito Emancipação

Origem

Lei nº2.040, de 28 de setembro de 1871. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LIM/LIM2040.htm

Conteúdos relacionados

Visões da liberdade Texto acadêmico

Questão 4, desta Olimpíada

A lei na íntegra

A lei em grafia original

Visões da liberdade

Documentos da 4ª Fase

Texto acadêmico

“(…) O texto final da lei de 28 de setembro foi o reconhecimento legal de uma série de direitos que os escravos haviam adquirido pelo costume e a aceitação de alguns objetivos da luta dos negros. Isso é verdade não apenas em relação ao pecúlio e à indenização forçada, como também no que diz respeito à ideia mestra do projeto, isto é, a liberdade do ventre – mesmo que essa ‘liberdade’ tenha sido relativizada por um sem número de sutilezas e restrições (...) Os próprios escravos sempre valorizaram bastante a alforria das mulheres, pois isso significava a garantia de uma prole livre. Na verdade, a lei de 28 de setembro pode ser interpretada como exemplo de uma lei cujas disposições mais importantes foram ‘arrancadas’ pelos escravos às classes proprietárias.

E essa lei também pode ser interpretada como exemplo do instinto de sobrevivência da classe senhorial: o conselheiro Nabuco explicou que ‘a esperança de alforria’ que a lei daria aos escravos ‘em vez de um perigo, é um elemento de ordem pública’; e mais tarde lembrou aos senadores que era preciso tomar logo a decisão a respeito da ‘questão servil’ devido à ‘impaciência dos escravos’. O velho Nabuco sabia o que lhe apertava os calcanhares (...)”

Sobre este documento

Título

Visões da liberdade

Tipo de documento

Texto acadêmico

Palavras-chave

Século XIX História do Direito Emancipação História da Escravidão Brasil Ventre livre

Origem

Sidney Chalhoub. Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 159-160.

Créditos

Sidney Chalhoub

Conteúdos relacionados

LEI Nº 2.040, DE 28 DE SETEMBRO DE 1871 (Trecho II) Documento legal

A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo

Documentos da 4ª Fase

Texto acadêmico

“A literatura espírita, produzida fartamente no Brasil, é um fenômeno de importância não apenas religiosa: faz parte da vida cultural e editorial brasileira. Como referência de sua produção e circulação, tome-se o caso do maior médium psicógrafo de obras espíritas do mundo, Chico Xavier. Ele tem mais de 400 livros publicados, alguns deles traduzidos para dezenas de línguas; sua obra mais vendida, Nosso lar, já ultrapassou a tiragem de 1 milhão de exemplares.

O Brasil possui o título de maior celeiro mundial na produção de literatura espírita, a qual abrange diversos gêneros e assuntos: são romances, contos, crônicas, poemas, mensagens, obras de referência, literatura infantil, que abordam temas ligados à arte, ciência, educação, filosofia, história, religião etc. Os livros são escritos por estudiosos do espiritismo ou por médiuns, que atribuem as obras aos chamados autores espirituais. (...)

A produção mediúnica de Chico Xavier (...) causou alarde no meio literário brasileiro nos anos 30 e 40. O principal acontecimento que gerou discussão acerca de seus textos psicografados, além do lançamento de Parnaso de além-túmulo, foi o caso Humberto de Campos. Entre os anos de 1937 e 1943, a Federação Espírita Brasileira (FEB) publicou cinco livros psicografados por Chico Xavier e atribuídos ao espírito Humberto de Campos. (...) Em 1944, a viúva do escritor maranhense, Catarina Vergolino de Campos, entrou com uma ação judicial contra o médium e a FEB. A peculiaridade da ação, provavelmente a única do gênero no mundo, colocou à tona o assunto e provocou uma acirrada discussão no meio intelectual a respeito da psicografia de Chico Xavier. Embora a contragosto, a Academia Brasileira de Letras, à qual pertencia Humberto de Campos, transformou-se num dos palcos do debate.

Terminado o processo, cujo veredicto indeferiu o pedido da viúva (os direitos de uma pessoa findam com sua morte), o tema quase deixou de ser discutido, provavelmente por causa do incômodo suscitado pela literatura mediúnica, que carrega consigo um forte estigma religioso, apesar de suas pretensões estéticas, em alguns casos. Foi o componente literário, por exemplo, que possibilitou o referido caso jurídico. Contudo, percebe-se que essa intersecção entre religião e literatura gera, de antemão, receios e dificuldades quanto aos limites entre os dois domínios.

Sobre este documento

Título

A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo

Tipo de documento

Texto acadêmico

Palavras-chave

História das Religiões Século XX Literatura

Origem

Alexandre Caroli Rocha. A poesia transcendente de Parnaso de além-túmulo. Unicamp, Dissertação de Mestrado, IEL, Campinas, 2001. p. 13-15. Disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000236698>

Créditos

Alexandre Caroli Rocha

O diabo na livraria dos inconfidentes

Documentos da 4ª Fase

Texto acadêmico

“(…) Havia um obstáculo à (...) circulação [de livros]: a censura. Desde os inícios do século XVI até 1768, ela se encontrou sob os cuidados da Inquisição, do Ordinário e do Desembargo do Paço. Depois, consonante a política de secularização da censura desenvolvida no continente europeu, passou para a Real Mesa Censória, criada em 1768 com o intuito de se aumentar o rigor do processo censório. Com as mudanças, à Real Mesa Censória passaram a caber a censura, a elaboração de um novo Index Expurgatório – que não se confundia com o proposto pelo papa – a Fiscalização dos livros. Eram proibidos os livros contrários à Religião, à Moral, à Cultura e à Ordem Política vigentes. E, dentre as condições que tornavam os livros proibidos, podemos ver a face do demônio: se o imaginário mineiro colonial demonizava a sedição, a Natureza (a miséria do homem e a Natureza como se concebia no século XVIII), a maledicência, o calúndu e os libertinos, estas ideias, ações e personagens, caso se fizessem presentes nos livros, tornavam-se proibidos.

Dona Maria I, em 1787, reformou a censura, criando um novo organismo: a Comissão Geral para o Exame e a Censura de Livros. A nova comissão, criada devido à inoperância da Real Mesa Censória, também não conseguiu reprimir a entrada de livros proibidos em Portugal e no Brasil. Em 1793, o governo de Portugal retornou ao sistema dos três poderes: Inquisição, o Ordinário e o Desembargo do Paço.

Dentre os principais livros proibidos, os franceses vinham em primeiro lugar, começando pelos filósofos da Ilustração como D’Alambert, Brissot, Buffon, Condorcet, Condillac, Diderot, Helvétius, La Mettrie, Mably, Marmontel, Montesquieu, Raynal, Rousseau, Voltaire (...)”

Sobre este documento

Título

O diabo na livraria dos inconfidentes

Tipo de documento

Texto acadêmico

Palavras-chave

Minas Gerais século XVIII História da Leitura Inconfidência Mineira

Origem

Luiz Carlos Villalta. O diabo na livraria dos inconfidentes. In: NOVAES, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 370.

Créditos

Luiz Carlos Villalta

Boatos sobre os inconfidentes mineiros (1789)

Documentos da 4ª Fase

Trecho de Livro

“Foi preso Luís Vieira, cônego da Cidade Mariana. Dizem que a sua culpa se limita a terem-lhe achado um livrinho francês, relativo ao levante desta terra, no qual se diz que podiam os habitantes viver sobre si, sem dependência do comércio para o nosso reino, à imitação do que fizeram os Americanos aos Ingleses.”

Sobre este documento

Título

Boatos sobre os inconfidentes mineiros (1789)

Tipo de documento

Trecho de Livro

Palavras-chave

século XVIII Inconfidência Mineira Minas Gerais História da Leitura

Origem

A. de E. Taunay. “Boatos sobre os inconfidentes mineiros (1789)”. Em: Jornal do Comercio, Rio, janeiro de 1943. Citado em: Eduardo Frieiro. O Diabo na livraria do Cônego: Como era Gonzaga? E outros temas mineiros. Belo Horizonte: Editora Itatiaia LTDA, 1957, p. 22.

Créditos

A. de E. Taunay

Conteúdos relacionados

O diabo na livraria dos inconfidentes Texto acadêmico

Azevedinho e seus problemas

Artigo de revista

“(...)

As instruções de Azevedinho aos agentes da firma – mandados para o Rio Benin com a missão de montar uma ‘feitoria’ que serviria de posto para adquirir e manter os cativos até que pudessem ser levados para Pernambuco – assemelham-se a um manual de gestão empresarial. Os funcionários mais graduados eram orientados a exercer sua autoridade sobre os subalternos sem impor um ‘estilo imperial’, buscando um ‘sentimento unânime e compreensão’ para alcançar a ‘mais perfeita união’.

Só que as mercadorias eram pessoas. Ali, no Rio Benin, começara o comércio atlântico de cativos no século XVI. As elites africanas, portanto, conheciam bem os negociantes e sabiam o quanto valiam os cativos. Azevedinho entendia isso, tanto que instruiu seus agentes a prestar atenção nos hábitos do lugar para se conduzirem adequadamente diante da nobreza local. Deveriam se comportar dignamente e com moderação, evitando licenciosidades e deboches, sem jamais se ‘intoxicarem’. (...) Também era aconselhável que os empregados jamais tivessem qualquer problema com o rei do Benin, suserano de outros reinos menores da região, como Oery e Gotto.

Uma estratégia de propaganda era expor em abundância as mercadorias a serem trocadas por escravos, sempre com cuidado para que os armazéns da companhia não fossem roubados. Havia guardas vigiando os depósitos, mas a conduta deles também precisava ser observada. Seguindo os hábitos locais de negociação, ofereciam-se presentes generosos à nobreza africana, buscando assim convencê-la de que a empresa era o melhor comprador de sua mercadoria humana.

Além de dispor de barcos e canoas para navegação rio adentro, armazéns e outras edificações, os empregados da feitoria tinham que construir mastros com gáveas na praia que lhes permitissem sinalizar para os navios da firma por meio de um código secreto de bandeiras. Quando a carga humana estivesse pronta, o embarque e a saída do barco deveriam ser imediatos, para despistar a Marinha inglesa. Sintonizado com a melhor tecnologia da época, Azevedinho indicava que os britânicos tinham montado um telégrafo perto dali. Instruiu seus agentes a encontrá-lo e visitá-lo frequentemente, tentando monitorar as comunicações dos ingleses, ousadia que explica o sucesso de sua empreitada por pelo menos oito anos. Providenciou também documentos falsos para uso da tripulação no desembarque em Pernambuco.

Azevedinho descia aos detalhes. Indicava os instrumentos necessários aos navios negreiros, como correntes e algemas, e mandava que cultivassem alimentos para o consumo durante as viagens (...)

A principal operação da empresa exigia muitos cuidados. Afinal, o lucro dependia das boas escolhas na hora de comprar escravos. Era fundamental não comprar gente velha rejeitada nos mercados locais. Seguindo o que pensava ser o “gosto do país”, Azevedinho enfatizava a preferência pela compra de homens de 12 a 20 anos de idade. (...)

As detalhadas instruções do chefe nem sempre eram cumpridas à risca. O capitão de um dos negreiros da empresa bebia tanto que chegou a ficar conhecido como moxaquori, ou seja, um bêbado, na língua local. Como se fosse pouco (...) vendeu produtos a crédito e gastou muito além do que devia, chegando mesmo a passar notas promissórias para a nobreza africana, obrigando a feitoria a honrá-las para não cair em descrédito. Para completar, o capitão ainda desrespeitou as elites locais, atrapalhando os negócios. (...)

Não paravam aí os problemas da feitoria. Praticamente todos adoeceram, com maior ou menor gravidade. A correspondência (...) indica ainda que havia custos não previstos, como provisões, viagens ao interior, propinas para os agentes da nobreza africana e salários dos vários funcionários brancos e negros, entre carpinteiros, canoeiros, calafates, tanoeiros, guardas e marinheiros. O ambiente era violento, prestes a explodir, como seria de esperar em uma feitoria para traficar gente. As negociações exigiam códigos de etiqueta complexos. Parece que dois agentes não entenderam bem esse detalhe e, desobedecendo às precisas instruções de Azevedinho quanto aos presentes, foram visitar o rei de Oery de mãos abanando. Uma ofensa grave. Tão grave que um deles ficou preso até que o outro conseguisse remediar o erro cometido justamente com aquele que talvez fosse o nobre mais importante da região depois do próprio rei do Benin. Levaram dias para resolver o problema, e, enquanto isso, não podiam comprar escravos, pois ninguém negociava nada até que a cúpula da nobreza autorizasse.

“(...)”

Gáveas: espécie de gaiola, tabuleiro ou guarita assente em uma rada de tábuas no alto dos mastros.

Calafates: pessoa que é responsável por vedar com estopa, introduzida à força, as juntas, buracos ou fendas de uma embarcação, e embebendo-a de pez, alcatrão, etc. para impedir a entrada da água.

Tanoeiros: pessoa que faz tonéis, pipas, barris e vasilhas semelhantes.

AULETE, Caldas. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Lisboa [Portugal]: Parceria Antonio Maria Pereira, 1925, Disponível em: <http://www.auletedigital.com.br/>

Sobre este documento

Título

Azevedinho e seus problemas

Tipo de documento

Artigo de revista

Palavras-chave

História da Escravidão Tráfego atlântico Século XIX História da África

Origem

Marcus J. M. de Carvalho. “Azevedinho e seus Problemas”. Revista de História da Biblioteca Nacional, 1/12/2012. Disponível em:

<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/azevedinho-e-seus-problemas>

Créditos

Marcus J. M. de Carvalho.